

A subversão da identidade na obra de Hilda Hilst

The subversion of identity in the work of Hilda Hilst

Ana Elisa Volpato Ortolano¹

Resumo: Este inusitado trabalho busca colocar em diálogo a teorização do sexual, da sexualidade e do político na teoria queer e na psicanálise com a obra de Hilda Hilst. Para tanto, primeiro realizamos uma resenha do livro *O feminismo é feminino? A inexistência da Mulher e a subversão da identidade* (2021), onde Moreira propõe uma leitura psicanalítica dos modos de se fazer política no feminismo *queer*. Depois, analisamos o funcionamento dos personagens-narrador na novela *A Obscena Senhora D.* (1982/2001) e a sátira e a subversão do humano pela figura da poeta-povo-velha-porca-louca nas crônicas do livro *132 crônicas: Cascos & Carícias e outros escritos* (1998/2018). Nossa aposta é de que há algo da ordem de uma política feminina em jogo na obra hilstiana.

Palavras-chave: Teoria queer. Psicanálise Freudolacaniana. Política. *A Obscena Senhora D.* *132 crônicas: Cascos & Carícias e outros escritos*.

Abstract: With this unusual work we seek to create dialogues between the theorization of the sexual, sexuality, and the political in queer theory and psychoanalysis and the work of Hilda Hilst. To do so, we first wrote a review of the book *Is feminism feminine? The inexistence of the Woman and the subversion of identity* (2021), in which Moreira proposes a psychoanalytic reading of the ways politics are done in queer feminism. Then, we analyzed the functioning of the narrator-characters in the novel *The Obscene Madame D.* (1982/2001) and the satire and subversion of the human being by the figure of the poet-folk-old woman-female pig-mad in the chronicles of the book *132 chronicles: Hooves & Caresses and other writings* (1998/2018). We think it is possible to say that something in the realm of female politics plays a role in the Hilstian work.

Keywords: Queer theory. Freudolacanian psychoanalysis. Politics. *The Obscene Madame D.* *132 chronicles: Hooves & Caresses and other writings*.

¹ Doutoranda pela Unicamp; Membro do Grupo de Pesquisa PsiPolis (Psicanálise, Política, Significante) e do Grupo de Pesquisa Mulherando. E-mail: anaelisa.volpatoort@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6398-1588>.

*Artigo recebido em 27 de junho de 2024 e aceito para publicação em 30 de setembro de 2024.



Introdução

Antes de ser mulher sou inteira poeta.

(Hilst, 1980, o.77).

O presente trabalho propõe gestos de leitura da obra hilstiana – especialmente de suas crônicas e de sua novela *A Obscena Senhora D.* (1982/2001) – buscando responder ao poema-provocação VI dos Dez Chamamentos ao Amigo do seu livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (2013, p. 234):

Sorriso quando penso
Em que lugar da sala
Guardarás o meu verso.
Distanciado
Dos teus livros políticos?
Na primeira gaveta
Mais próxima à janela?
Tu sorris quando lês
Ou te cansas de ver
Tamanha perdição
Amorável centelha
No meu rosto maduro?
E te pareço bela
Ou apenas te pareço
Mais poeta talvez
E menos séria?
O que pensa o homem
Do poeta?
Que não há verdade
Na minha embriaguez
E que me preferes
Amiga mais pacífica
E menos aventura?
Que é de todo impossível
Guardar na tua sala
Vestígio passional
Da minha linguagem?
Eu te pareço louca?
Eu te pareço pura?
Eu te pareço moça?

Ou é mesmo verdade
Que nunca me soubeste?



Longe da empreitada claramente reducionista de querer esgotar as multiplicidades de respostas possíveis, desejamos, pelo contrário, deixar estas perguntas reverberarem e nos guiarem a um percurso de leitura. Nossa aposta é a de que, se há algo de político em jogo na obra de Hilst, uma das autoras mais profícuas e famosas pelos seus mil modos de nomear algo da ordem do sexual, é no modo que ela testemunha algo dos interstícios entre identidade e sexualidade que ele (também) pode estar. Para tanto, convidamos ao diálogo inicial, os dois campos de conhecimento que talvez mais tenham se debruçado sobre estas questões: a psicanálise freudolacanianana e a teoria *queer*.

Abordagem teórica

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política.
(Butler, 2018, p. 198).

[...] a monstruosidade caótica de falas sem perspectivas e beleza bruta de singularidades que não se localizam.
(Safatle, 2016, p. 15).

No livro *O feminismo é feminino? A inexistência da Mulher e a subversão da identidade* (2021), a psicanalista e feminista Maíra Marcondes Moreira propõe uma leitura psicanalítica dos modos de se fazer política dentro do feminismo *queer*. Esquivando-se das polêmicas entre os dois campos, a autora propõe alguns pontos de encontro entre estas teorias e práticas:

1. Corpo fundado na linguagem (não há corpo pré-discursivo).
2. Crítica a uma visão positivada, essencialista e determinada de sujeito, nos moldes do humanismo e da psicologia.
3. A subversão do sexual (a impossibilidade da ordenação e da domesticação da sexualidade).
4. Insuficiência das identidades de gênero ou da divisão dos semblantes civilizatórios – homem e mulher – diante da sexualidade.

Para destrinchar cada ponto e chegar no argumento central da autora de que o feminismo *queer* seria um feminismo mais feminino (em termos psicanalíticos) do que se desconfia, percorremos brevemente seu inusitado caminho de pesquisa:



Psicanálise Freudolaciana

De começo, a autora irá ressaltar que não há a categoria homem ou mulher para a psicanálise, o que há são modos de gozo (modos como o sujeito se posiciona diante da castração). A diferença sexual se inscreve na divisão entre o gozo fálico (masculino) e o gozo não-todo (feminino). Apesar de se manter o binarismo homem/mulher, não há nada que remeta a sexualidade ou gênero, na medida em que “mulheres” podem ocupar posições fálicas e o contrário.

Na tábua da sexuação², onde Lacan (2008) escreve e esquematiza estes modos de gozo, há do lado direito o masculino e no esquerdo o feminino:

No lado masculino da tábua, temos “existe x” que é uma figura de exceção à castração, o que se refere ao mito patriarcal do pai da horda, aquele que não era submetido à lei e tinha acesso a todas as mulheres. Seus filhos se organizam e se rebelam e matam o pai (para ter acesso às mulheres, inclusive, a que seguirá proibida, que é a mãe). Com o assassinato do pai incide a castração e a proibição do incesto (além da culpa), permitindo que os homens se reúnam e estabeleçam laços entre si como iguais. Por isso, neste lado, é possível a fundação de um conjunto em que cada membro é um particular de um universo, e a uma lei universal válida para todos.

Já no lado feminino da tábua³, não há uma função de exceção, pois não existe a mulher que escapou à castração e por isso encarna a lei (não há um mito do matriarcado). É daí que vem o famoso e incômodo aforismo lacaniano “A mulher não existe”. Há, portanto, a ausência de um significante capaz de designar ou representar “A mulher”, e conseqüentemente, a impossibilidade de se fazer um conjunto de mulheres “iguais” e “universal”. Este gozo é bifurcado: atravessa também para o outro lado da tábua, sendo assim, é um gozo-não todo submetido à lógica fálica.

Desse modo, se o gozo masculino está próximo das palavras e das coisas, o gozo feminino está mais próximo do nada. Cada mulher precisa se haver com essa ausência e inventar para si mesma um modo, destino ou resposta para o seu ser de mulher, sendo este o seu sexo biológico ou não. É na sua intimidade com o nada que a mulher, em um movimento criativo, tece possibilidades para esse vazio, abrindo caminho para a invenção.

² Que pode ser consultada aqui: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952008000100003.

³ Para não ficar tão abstrato, podemos pensar, com Lacan (2008), no termo “mística” que ele usa para designar homens e mulheres que se colocam do lado não-todo. E ele diz que, de forma nenhuma, é possível separar política do gozo místico, na medida que eles testemunham algo a mais no que experimentam. É um gozo nada utilitário. Similar também as experiências de “enamoramento”, de arrebatamento, próximo a noção de erotismo de Bataille (1994): não é um gozo do ter, mas ao contrário, é o que leva o sujeito a uma experiência de despossessão, de perda, de dissolução das imagens que antes asseguravam o Eu.



Teoria *Queer*

Na teoria *queer* de Butler (2018) o sexo é pensado como efeito de estruturas gerativas (o poder não é só coercitivo, ele é produtivo): o sexo é performado por atos reiterativos e citacionais, como os de nomeação, em que os sujeitos são hétero-designados, e que precisam ser repetidos para materializar o sexo no corpo, a diferença sexual e a heterossexualidade. O que torna os corpos inteligíveis é a suposição ilusória de uma identidade por detrás dos atos. Ou seja, as normas regulatórias do sexo atuam de forma performativa para construir a materialidade dos corpos.

O poder é o que produz normas de reconhecimento e de leitura do que seria humano. Mas isso tem um exterior constitutivo, pois aquilo que escapa à norma, é ininteligível como “humano” e produzido como seres abjetos, não humanos. Os corpos *queer* são exatamente o que se apresentam como inumanos (escapam das normas de inteligibilidade e reconhecimento). São corpos tão distantes da figura do que se entende por “humano” e por “normal” que são rechaçados pela sociedade, como se sua mera existência colocasse em risco a existência daqueles que possuem o status de “pessoa”.

Esta face segregadora do humanismo é apontada por Butler quando ela coloca a cilada que está em questão: a norma sempre produz um resto, o que está fora, e a potência dos corpos *queers* é a reivindicação de uma dignidade na opacidade, sem apagar que a diferença é fruto de um regime histórico de opressão, mas também sem deixar de apontar a violência do “convite” a assumir uma das posições inteligíveis como “humano”, porque esta põe em risco a singularidade de cada sujeito e de cada corpo, e a diferença em sua potência. Deste modo, ao invés de tomar os atributos e predicados como solo pré-político para que haja reivindicações e propostas de inclusão para que os “outros”, as minorias sociais, os “não contados”, passem a pertencer também a categoria daquilo que é reconhecido como “humano”, que é o modo como as políticas identitárias operam, o que as políticas *queer* trazem à tona é o reconhecimento da opacidade, da negatividade e da indeterminação.

Não há para Butler (2018) a possibilidade de aceder a um lugar anterior em que não há regulação dos corpos. Há um para-além dessa regulação, pois a norma é constitutiva e produtiva, ela é a condição para os corpos que governa. A proposta assim, não é uma desarticulação de toda identidade, mas uma política de coalizões: não negar que há momentos em que é preciso representações em políticas reivindicatórias (a necessidade institucional, por exemplo, de reivindicar um estudo de literatura de mulheres), mas não se fixar a isso – uma possibilidade de se fazer política a partir de identidades



contingentes e incompletas, de acordo com o contexto e objetivo político específico. O que Butler (2018) propõe não se trata simplesmente de uma negação da universalidade, mas da possibilidade de pensá-la fora da lógica dos atributos (uma abordagem antifundacionista, que não supõe a identidade como premissa ou a unidade como necessidade e objetivo político).

Uma política comprometida com a possibilidade de alternativas às configurações políticas existentes: uma coalizão aberta, uma proposta de grande potencial subversivo: o abjeto, o inumado, é aquilo que denuncia a fragilidade da noção determinada de “humano”. Um sujeito, assim, que se reconhecesse como atravessado por algo que escapa às identidades e nomeações, que se reconhece enquanto indeterminado, abre um potencial político a partir da sua incompletude e de seu lugar entre o indeterminado e o inumado (identificação com o que parece expulso da reprodução normal da vida).

O feminismo *queer* e a política do não-todo

Após este percurso, Moreira (2021) irá argumentar que a proposta de Butler (2018) vai de encontro ao gozo feminino na sua bifurcação: uma ancoragem fálica na forma de uma identidade provisória que exige reconhecimento, ao mesmo tempo em que aponta para a sua impossibilidade de nomeação e de representação. Uma política de coalizões, uma política não-toda. Seria uma política subversiva, pois ao resistir à categorização, unidade e universalização, estaria, talvez, mais propensa a invenções dentro do campo da política. Assim, tanto a psicanálise quanto o feminismo *queer*, estariam interessados nos modos como os sujeitos lidam com as normas, as subvertem e encontram espaços de singularidades para produzir novas formas de vida.

É um alerta a cilada imposta aos movimentos sociais em nossa época: a presença de um traço positivo capaz de distinguir seus membros, a paixão pelo Um e a universalidade de suas pautas são modos de fazer política seguindo uma norma identitária ou uma perspectiva masculina (em termos psicanalíticos). Esta tentativa de incluir aquilo que fora excluído, ainda que garantam acesso a direitos – no funcionamento cínico, como apontado em Butler (2010), em que as populações expostas a violência estatal arbitrária não tem outra opção que apelar ao mesmo Estado contra quem precisam de proteção⁴ -, pode contribuir para o apagamento subjetivo de determinado grupo.

⁴ “[...] para las poblaciones expuestas a la violencia estatal arbitraria que, a menudo, no tienen otra opción que la de apelar al Estado mismo contra el que necesitan protección” (BUTLER, 2010, o.46).



A psicanálise⁵ e a teoria *queer* denunciam, assim, no desejo de totalizante e excludente do discurso do mestre (atualmente, da ciência e do capitalismo), que necessita do assassinato daquele que faz exceção, o pai da horda, para se fundar o universal, a face segregadora do humanismo: a tentativa de homogeneizar os corpos, em torno de Um, em torno da figura do Homem, produz, inevitavelmente, a violência e a marginalização do diferente. A proposta, assim, é de uma política do contingente, do indeterminado, de uma multidão de corpos singulares, combatendo esta política homogeneizante do Homem.

Análise do texto literário

Pensar “Política” deveria ser uma nova maneira de pensar. O ranço colado às palavras do universo político é cada vez mais aderente e tosco. [...] O importante é arrancar as máscaras, recriar ação e palavra, mover-se corajoso, nítido, íntegro. Os cínicos dirão isso não é Política, é poesia e ingenuidade. Que seja. É assim que seria para mim o verdadeiro homem político: poeta no seu sentido mais fundo, intenso e livre. Ingênuo a ponto de tomar para si mesmo a dor do outro. E tentar extirpá-la.

(Hilst, 2018, p. 191).

Após este percurso, conceituamos o que seria o político em jogo na obra de Hilda Hilst: aquilo que suspende as normatividades (e não as alteridades), ao perturbar os limites do humano⁶ e até mesmo os limites do que nos é instituído enquanto político. O poeta, tal como no poema-provação do início, não faz parte do “o homem”, graças a “tamanha perdição” de sua linguagem passional que não permite “que verdadeiramente” o saibamos, isto é, a impossibilidade de dar-lhe um contorno de uma identidade fixa ou transparente: não cabe em nenhum lugar da sala sua embriaguez. Veremos como isto funciona na novela e nas crônicas da autora.

⁵ Para outros trabalhos que reivindicam uma psicanálise politicamente implicada ver: Pedro Ambra em *O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan* (2022), Maira Moreira em *Fins do sexo: como fazer política sem identidade* (2022), Christian Dunker *Lacan e a democracia* (2022) e Vladimir Safatle em *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2016).

⁶ “[...] Outro percurso na obra de Hilda Hilst é de suas instestinações, seus espaços de gruta e intimidade lodosa, onde o grotesco e o patético emergem numa linguagem sem pudores. Um modo de ser do sujeito do discurso que revela o humano sob a pele do bicho que habita o homem.” (Busato, 2015, o.11).



Personagens turvos, fugazes e radicalmente contingentes

Em sua crônica “Ridendo Castigat Moraes”, Hilst escreve uma anedota da relação entre dois colegas escritores, em que um deles era sempre muito incisivo na crítica aos textos do outro, dizendo: “Tu não tens fôlego, meu chapa, tudo acaba muito depressa, tu não desenvolve o personagem, o personagem fica por aí vagando, não tem espessura, não é real” (2018, p. 110). Ao que o outro rebatia: “Mas é isso que eu quero dizer; não quero contornos, não quero espessura, quero o cara leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, o cara flutua sim, mas é vivo, mais vivo do que se ficasse preso por palavras, por atos, ele flutua livre, entende?” (2018, p. 110). Ao final, os dois se encontram na praia e após algumas caipirinhas o criticado convida o outro a nadar até uma ilha. Enquanto o crítico se afogava, o outro nadava um borboleta rápido, harmonioso e cheio de vigor – “fôlego é isso”. E dedica ao outro esta crônica “um texto leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, muito mais vivo do que ele morto” (2018, p. 110).

Este texto sarcástico constitui uma espécie de meta crítica literária que vai muito de acordo com que Pécora (2010) aponta na forma de escrita da autora: os personagens-narradores de Hilst não adquirem qualquer tipo de profundidade psicológica, eles mal alcançam a estabilidade de um nome próprio: tão logo aparece um nome, ele já é derivado em vários outros da mesma raiz – “Hillé, Obscena Senhora D, Desamparo, Abandono, Derrelição, D⁷”. Eles são múltiplos e articulados entre si, com pouco traços estilísticos que os distinguem e incapazes de produzir uma unidade: em *A Obscena Senhora D*. (1982/2001), por exemplo, a voz da narradora Hillé (que conta a própria história) se mistura com a do autor implícito, com a do seu marido EHUD (tanto depois de morto como quando vivo, numa temporalidade que borra os limites entre passado e presente), com a do seu pai morto, com a dos vizinhos, com a do Porco-Menino, etc. Ao mesmo tempo em que diz “[...] eu Nada, eu nome de Ninguém, eu à procura de luz numa cegueira silenciosa” (Hilst, 2001, p. 17.).

Seus textos são marcados por um anarquia de gêneros (literários, gramaticais, sexuais...) e por um fluxo dialógico-teatral repulsivo, sem narrativa, quase sem enredo e que não deixa-se de denunciar-se como linguagem e como linguagem sobre linguagem: fragmentos descaradamente textuais, disseminados alternadamente como falas de diferentes personagens que

⁷ “Tudo parece caber nesse D vazio, em que talvez caibam ainda todas as demais letras, deste e de outros alfabetos, separadas ou combinadas entre si, compondo falas e escritos que tentam, sem repouso, entender ‘isso de vida e de morte, esses porquês” (Moraes, 2023, o.249).



irrompem, proliferam, interferem de forma descontrolada e disputam lugares incertos, instáveis e precários na cadeia narrativa da narração. Estes personagens-narradores, como Hillé, sofrem de algo como uma possessão: “o narrador, fazendo as vezes do cavalo, é sucessivamente montado por entes pouco definidos, imediatamente aparentados entre si, incapazes de conhecer a causa ou o sentido de sua coexistência múltipla e dolorosa no ofício de escrita” (Pécora, 2010, p. 14).

Acredito que, apesar de necessitar uma leitura e análise mais detalhada, esse modo caótico de falas e personagens não determinados e nem sequer localizáveis, pode ser relacionado ao modo à um gozo não-todo aberto ao infinito que se desdobra: não há como ordenar a narrativa e não há traços identitários determinantes ou predicados e atributos fixos – seus personagens ora são mulheres, ora homens, ora meio os dois ou nada disso⁸, novos e velhos, não sabemos quase nada. Eles flutuam. É a porca-louca. Pura opacidade e indeterminação. Fora de qualquer possibilidade de contorno. Anormal e abjeta. Expulsa da reprodução normal da vida: no vão de um escada em uma casa, as vezes sai a janela e assusta os vizinhos. De uma intensidade inventiva e potente.

Poetas-povo-porcas-velhas-loucas contra o homem com sua verga-poder

As crônicas de Hilda Hilst, publicadas entre novembro de 1992 e julho de 1995 em uma coluna com seu nome no Caderno C do jornal campineiro O Correio Popular, causaram tamanho alvoroço que chegaram a ser acusadas do poder de “desmorrar preciosas famílias” (Fernandes, 1993, s/p). Através de uma linguagem sarcástica, uma das principais características destes textos é uma sátira do humano que rompe com qualquer pacto de cumplicidade com os leitores da classe alta campineira⁹ e com o estado do mundo dominante da ordem legitimada, numa recusa ao nosso ver bem resumida nesta afirmação:

⁸ “O idioma de Hilda não é fácil. Desliza por quatro gêneros: o masculino, o feminino, o neutro e o coletivo.” (Chiara, 2018, p. 14).

⁹ “Essas crônicas privilegiam um procedimento básico: colocam no centro da roda uma imagem caricata do leitor habitual do jornal, no extremo oposto do “leitor utópico” de que fala Boris Groys, o qual leria a obra exatamente como se gostaria que ela fosse lida. Hilda propõe como leitores de sua crônica velhos casais desanimados, saturados da própria companhia esvaziada; senhoras falsamente pudicas que simulam inocência escandalizada e a acusam de “nojenta” ao editor do jornal; representantes da “sociedade campineira” que, ao contrário do que supunham, não se distinguem em ignorância do “povão, caterva, populacho”; gente basicamente desesperada que, sem saber o que fazer do deserto da própria vida, aposta no alheamento de si como moralidade e no cultivo da boçalidade como trunfo da convivência.” (Pécora, 2005, p. 26).



E eu sou o quê, hein? Ah! Não! Não venham me dizer que eu faço parte da raça humana... no cu, gaivota, sou não, sou gente não, posso até ser uma excrescência, mas sou gente não, sou do Quinteto do Pégaso, sou de Sirius, sou de Andrômeda, mas Não Mesmo Daqui. Não venham me dizer que todo mundo é igual. A rodela talvez, mas sou gente não (Hilst, 2018, p. 104).

Estas crônicas foram escritas e publicadas entre os fins dos anos Collor até a ascensão de Fernando Henrique Cardoso e interpretam a cena política e social da década de 90 como trágica¹⁰ e de um desencantamento e conformismo. Os seres humanos, o homem ou o homem político são significados como um “grupo vip seletivo”, ganhando vários nomes – “os ais”, “as otoridade”, “os indefectíveis terninhos”, “os bundões assassinos”, as “multi-irracionais”, “homens engalanados, fraques e cartolas”, etc: são os figurões, os empresários, os políticos, os presidentes, os banqueiros, os editores, os que fazem a guerra. A eles ela atribuirá a verdadeira crueldade e pornografia. Ela joga com diversos “semblantes fálicos dos mestres castrados”, tal como em seu poema “O reizinho gay”¹¹: o Collor e o Itamar Franco foram alguns dos alvos de suas sátiras.

E em confronto com eles, aparecerá sempre a “gente rara, louca naquele sentido de ousadia” (Hilst, 2018, p. 68), os poetas (e uma das automeações da personagem-autora das crônicas mais produtivas é a de “poeta” e a de “porco-poeta que me sei”) “os poetas-ornitorrincos, aleijões da praticidade e do cotidiano, os líricos devastados, os inoportunos, os loucos-outsiders” (Hilst, 2018, p. 140). Este “poeta” que assim como os “latino-americanos” e “o povo” não existem para os poderosos ou “só existem para serem saqueados” (Hilst, 2018, p. 35). Um dos “nós” mais recorrentes nestes textos, é um “nós-latino americanos/brasileiros/fodidos” que inclui “uma multidão excluída” e “os poetas que são sempre exilados”, porque o poeta é o “irmão do escondido das gentes” que tem em si “todos esses que passam, nas manhãs, carregados de medo, de pobreza” (Hilst, 2018, p. 156), tendo um título de suas crônicas um jogo com a famosa frase de Marx: “Poetas de todo mundo, uni-vos!”. “[...] o artista, para Hilda Hilst, não compactua com o Poder, não dissimula (dissimulação é diferente de ficção), ele resiste” (Fernandes, 2020. p. 107).

¹⁰ “O Brasil sem-vergonha de Collor e PC Farias, dos anões do orçamento, das famigeradas “sobras” de campanha, da chacina da Candelária, da impunidade generalizada, da arrogância boçal dos ricos, que são sempre novos-ricos, da parvoíce do plebiscito da monarquia, das negociatas do FMI, do roubo da Previdência, da secular indústria da seca, da prostituição infantil, da privatização cavilosa...[...] É passar os olhos pelas crônicas de Hilda Hilst e conhecer, de um golpe, que o Brasil é um desastre persistente, fruto do que ela chamaria de pornocracia, ou reino da pornografia inata. A justa indignação, entretanto, nunca implicou a perda de humor; ao contrário, deu-lhe um mar de metáforas escabrosas.” (Pécora, 2005, p. 24).

¹¹ Que pode ser lido em: <https://www.revistapixe.com.br/hilda-hilst>.



Há um poder de nomeação que é revertido – os outros a nomeiam de “louca” e “porca”, isto é, fora do regime de legibilidade do “humano”, e ela então nomeia este “humano” que a nomeia como os verdadeiramente loucos, no sentido de violência e de crueldade: “[...] me chamaram de louca. Estou acostumada com tal rótulo e antes louca do que pérfida, nojenta e gélida, pactuando com a maioria dos humanos” (Hilst, 2018, p. 57). A acusada se transforma em acusadora para apontar o dedo para os outros, dando a ver a própria dinâmica da reversão da qual a língua é capaz. Algo parecido está em jogo quando ela “sexualiza o corpo do homem”, revertendo assim o lugar de objeto que recebe de um olhar masculino, dizendo que o mais importante seria cortar-lhes a cabeça (que é desnecessária) e mostrar “a verga”, para ver se é boa o suficiente, fazendo eco a dizeres machistas, mas invertido, de modo que o sarcasmo desconstrói os significados cristalizados:

Acho muito saudável o modismo de nus masculinos em certos clubes para mulheres. O triste é que não fiquem completamente nus. Porque, afinal, o que há com o “pantaleão”, ou “ferramenta”, ou “cana”, ou “camandro”, ou “ponteiro”, o que há com ele que não pode ser visto? [...] Mas todo o resto (!) é importante: dorso, omoplatas, cintura, ancas, nádegas e aquilo tudo lá de cima que nesse instante também podemos chamar de “envernizado”, ou “coluna do meio”, [...] Importantíssimo. Vejamos: você está ali deitada, projetando aquele cara apolíneo, e vai descendo o olhar, descendo, descendo, e, de repente, o susto, aquela “bimbinha”, aquela “gun-ga”, aquela “bilola”. Que maçada! [...] (Hilst, 2018, p. 19).

E por último e talvez mais importante, ela coloca em jogo algo tão silenciado – uma sexualidade, de certo modo única, senil. Chegando a propor um “bordel geriátrico” e que as velhas sem dentes são a nova sensação do sexo oral.

Convenhamos: nada mais difícil do que admitir uma erótica senil. Aos velhos normalmente se atribui uma castidade absoluta, só comparável ao “sexo dos anjos”, ou, na via oposta, uma incontesteável inclinação à perversidade.[...] Empurrado para esses pólos extremos, o erotismo dos idosos fica condenado ao silêncio, até mesmo em tempos que se gabam de uma suposta “liberalidade sexual”. [...] Dessa forma, o que Hilda Hilst coloca em cena é um erotismo prosaico e suscetível à passagem do tempo, que vem desmentir tanto o ideal do bom velhinho casto quanto a figura do idoso perverso que representa uma ameaça aos valores da família e da sociedade. Aliás, como sugere o texto, se o sexo permanece



na velhice, também ele envelhece, e isso acontece em paralelo ao resto do corpo, sobretudo àquelas partes mais voltadas aos prazeres da sensualidade (Moraes, 2015, p. 116-117).

Considerações Finais

Arriscaríamos dizer, após este percurso, em um ensaio de resposta ao poema-provação de Hilst, que é político o modo como ela inventou um modo singular de ser um sujeito feminilizado na escrita: tecendo uma poética-degenerada que hora denuncia que “quando se fica uma velha-mulher, aí somos simplesmente loucas, putas velhas, poetisas sacanas, asquerosas” (Hilst, 2018, p. 241) e reivindica reconhecimento na literatura nacional, ora é bicho, excrescência, louca, uma multidão de fodidos, em uma desconstrução e indeterminação que aponta para algo do sexual que desconstroí as identidades – levando ao non-sense, ao insólito, a ruptura. Uma política de subversão do “homem-poder” que faz poesia, mesmo em prosa, com os restos deste mundo catastrófico.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.
- BUSATO, Susanna. Apresentação – Quem tem medo de Hilda Hilst? *In*: REGUERA, Nilze Maria de Azeredo; BUSATO, Susanna (Org.). **Em torno de Hilda Hilst**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 9-12.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**: Las vidas lloradas. Tradução de Bernardo Moreno Carillo. México DF: Editorial Paidós Mexicana S.A., 2010.
- CASTANET, Didier. Condução e fim do tratamento analítico: a propósito do gozo feminino. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 30, n. 55, p. 35-45, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952008000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 22 jul. 2024.
- CHIARA, Ana. Espasmos da Língua. *In*: HILST, Hilda. **132 crônicas**: Cascos & Carícias e outros escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 14-16.
- FERNANDES, Bruna Kalil Othero. **Além do ponto G, o ponto H**: a pornocracia como projeto literário de Hilda Hilst. Orientadora: Maria Zilda Ferreira Cury. 2020. 145 f. Dissertação



(Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

HILST, Hilda. **Poesia (1959-1979)**. São Paulo: Edições Quíron, 1980.

HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2001.

HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2013.

HILST, Hilda. **132 crônicas**: Cascos & Carícias e outros escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HILDA, Hilst. O reizinho gay. *In*: **Revista Literária Pixé**. 2019. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/hilda-hilst>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MORAES, Eliane Robert. Aquelas coisas e um pouco mais: a erótica senil. *In*: REGUERA, Nilze Maria de Azeredo; BUSATO, Susanna (Org.). **Em torno de Hilda Hilst**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 115-119.

MORAES, Eliane Robert. **A parte maldita brasileira**: literatura, excesso, erotismo. São Paulo: Tinta-da-China, 2023.

MOREIRA, Máira Marcondes. **O feminismo é feminino?**: a inexistência da mulher e a subversão da identidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Scriptum, 2021.

PÉCORA, Alcir *et al.* **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

PÉCORA, Alcir. Hilda menor: teatro e crônica. *In*: REGUERA, Nilze Maria de Azeredo; BUSATO, Susanna (Org.). **Em torno de Hilda Hilst**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 13-27.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **Quando as ruas queimam**: manifesto pela emergência. São Paulo: n-1 edições, 2016.

